

Despreparo caracteriza a mão-de-obra

Brasília — Ana Carolina Fernandes



Os camelôs avançaram no Setor Comercial Sul e atravancaram o único espaço da cidade que só usa automóvel, em que se podia andar a pé

Brasília — É comum em Brasília as pessoas que freqüentam restaurantes, andam de ônibus e levam seus carros a oficinas, serem mal atendidas. É o garçom que nunca foi garçom. É o nordestino, revoltado com a vida, que tira carteira de motorista e vai dirigir ônibus por sobrevivência, sem qualquer experiência, e o mecânico que nunca viu motor.

— Muita gente não entende, mas isso também é consequência da migração desordenada. Essas pessoas são aquelas que chegaram na capital pensando no eldorado e resolveram ficar. No início, havia emprego com a construção de Brasília e, como alternativa para se sustentar, tiveram de se virar segurando qualquer oportunidade que aparecesse — explicou um assessor do governo do DF.

Despreparo

Um exemplo típico da falta de mão-de-obra especializada aconteceu no domingo passado no restaurante Bier-Fass, no Centro Comercial Gilberto Salomão. Luciana Neddermyer, acompanhada do seu marido, pediu ao garçom que trouxesse dois churrasquinhos no espeto. Para surpresa deles, o garçom voltou trazendo uma lasanha e um churrasquinho. Nesse caso, o garçom reconheceu o erro,

alegando ser novo na casa e pediu desculpas. Luciana e o marido, ao serem informados de que o garçom teria de pagar a lasanha por fora, resolveram, “por compaixão”, comer a lasanha e o churrasquinho. Em vez de pagarem uma conta de Cz\$ 120,00, pagaram Cz\$ 160,00 pela insólita mistura.

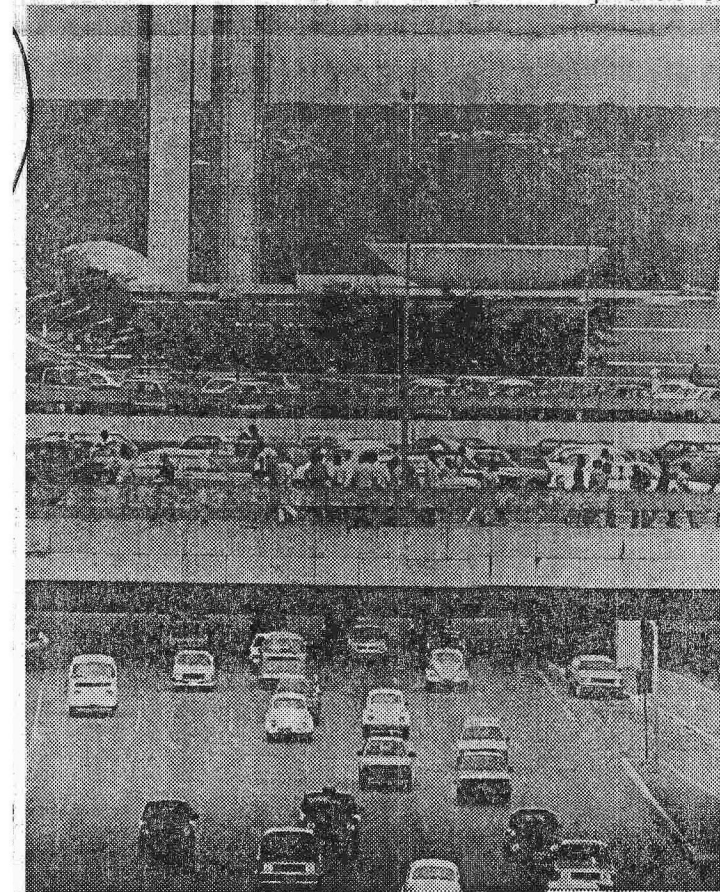
Eduardo Confúcio dos Santos, do Sistema Nacional de Emprego do Distrito Federal, organismo vinculado ao Ministério do Trabalho e encarregado pela colocação de mão-de-obra no mercado, confirmou a falta de qualificação profissional em Brasília. “Além da falta de mão-de-obra qualificada, há o problema das exigências das empresas e os baixos salários que pagam”, diz Eduardo.

Os migrantes vão se virando como podem. O maior exemplo disso é a feira de camelôs no centro do Plano Piloto de Brasília — Rodoviária e Setor Comercial Sul. Sem qualquer opção de emprego, os migrantes armam suas barracas para vender qualquer tipo de mercadoria em busca de uns trocados. É o caso de José Maria de Alencar, de 46 anos, cinco filhos, que mora num barraco de madeira na cidade satélite de Brazlândia. José, cearense de Caucaia, está em Brasília há quatro anos e tentou ser de tudo na cidade: servente, segurança de

espetáculos e lavador de carros em oficinas, entre outras profissões. Apesar dos insucessos, passando dificuldades e vendendo pentes, carteiras e espelhos em sua barraca no centro do Plano Piloto, ele não desiste: “Não penso em voltar para Caucaia porque ainda tenho muita coisa pra fazer aqui”.

Outros problemas sérios que Brasília vem enfrentando no seu dia-a-dia devido à superpopulação, estão relacionados, principalmente, com a falta de hospitais e escolas. As dificuldades aparecem mais nas cidades satélites, onde está localizada a maior parte da população migrada composta em sua maioria por nordestinos, goianos e mineiros. O governo do DF vem enfrentando ultimamente dois grandes problemas em consequência da superpopulação: o surgimento de favelas no Plano Piloto e a invasão desordenada de casas populares construídas pelo governo nas cidades satélites, próximas aos barracos em que se refugiam os migrantes de Brasília. Um exemplo disso ocorreu no dia 12 — dia da greve geral promovida pela CUT e CGT — quando os favelados na cidade satélite de Brazlândia tentaram invadir uma vila de 500 casas populares construídas pelo governo, o que não conseguiram devido à repressão da Polícia Militar.

Arquivo/18.04.86



À Rodoviária de Brasília chegam migrantes de todo o país, ainda atraídos pela idéia do eldorado construída nos anos 50